



AVISO IMPORTANTE: **Este é um Material de Demonstração**

Este arquivo representa uma prévia exclusiva da apostila.

Aqui, você poderá conferir algumas páginas selecionadas para conhecer de perto a qualidade, o formato e a proposta pedagógica do nosso conteúdo. Lembramos que este não é o material completo.



POR QUE INVESTIR NA APOSTILA COMPLETA?



- × Conteúdo totalmente alinhado ao edital.
- × Teoria clara, objetiva e sempre atualizada.
- × Dicas práticas, quadros de resumo e linguagem descomplicada.
- × Exercícios comentados para fixação do aprendizado.
- × Bônus especiais que otimizam seus estudos.

Aproveite a oportunidade de intensificar sua preparação com um material completo e focado na sua aprovação:
Acesse agora: www.apostilasopcao.com.br

Disponível nas versões impressa e digital, com envio imediato!

Estudar com o material certo faz toda a diferença na sua jornada até a APROVAÇÃO.





CNU

**CNU PROFESSORES - PROVA NACIONAL
DOCENTE (PND)**

Professor - Pedagogia

EDITAL Nº 72, DE 16 DE JUNHO DE 2025

**CÓD: OP-100JH-25
7908403576258**

Conhecimentos Didático-Pedagógicos

1. I - filosofia da educação	7
2. II - história da educação	8
3. III - sociologia da educação	14
4. IV - psicologia da educação	17
5. V - teorias pedagógicas	18
6. VI - didática e metodologias de ensino	26
7. VII - teorias e práticas de currículo	27
8. VIII - políticas públicas, organização, financiamento e avaliação da educação brasileira	29
9. IX - metodologia de pesquisa em educação e ensino	32
10. X - tecnologias da comunicação e informação nas práticas educativas	35
11. XI - letramento científico.....	38
12. XII - educação especial e inclusiva	41
13. XIII - libras, cultura e identidade surda	47
14. XIV - identidade e especificidades do trabalho docente.....	50
15. XV - planejamento e avaliação do ensino e da aprendizagem	53
16. XVI - práticas educativas para o processo de aprendizagem de crianças, adolescentes, jovens e adultos.....	56
17. XVII - planejamento, organização e gestão democrática educacional em espaço escolar e não escolar.....	59
18. XVIII - implementação e avaliação de currículos, programas educacionais e projetos político-pedagógicos.....	61
19. XIX - práticas de articulação entre escola, família, comunidade e movimentos sociais.....	64
20. XX - histórias e culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas	66
21. XXI - educação, inclusão e direitos humanos.....	69
22. XXII - educação socioambiental	72
23. XXIII - educação para as relações de gênero e sexualidade	75
24. XXIV - educação para as relações étnico-raciais	78

Conhecimentos Específicos Professor - Pedagogia

1. Antropologia da educação	83
2. Trabalho e educação	89
3. Fundamentos metodológicos específicos do ensino de língua portuguesa, matemática, ciências, geografia, história, artes e educação física.....	91
4. Corpo, movimento e ludicidade.....	97
5. Alfabetização e letramento	98
6. Letramento literário.....	99
7. Políticas de educação infantil.....	100
8. Criança e infância (conceitos e características).....	101
9. Ensino, currículo e práticas interdisciplinares	104
10. Atuação de pedagogos em espaços não escolares	105
11. Concepções de aprendizagem e de desenvolvimento da criança na educação infantil e nos anos iniciais	106

ÍNDICE

12. Concepções de aprendizagem e desenvolvimento de adolescentes, de jovens, de adultos e de idosos	107
13. Práticas educativas para o processo de aprendizagem de crianças, de jovens, de adultos e de idosos	109
14. Práticas de atendimento educacional especializado.....	110
15. Educação do/no campo e movimentos sociais	111
16. Pedagogia como ciência da prática educativa.....	112
17. Relação de ensino e aprendizagem e as dificuldades no processo de escolarização.....	113
18. Práticas de ensino na educação infantil	114
19. Políticas e práticas de avaliação	115
20. Organização, planejamento e gestão da educação.....	116

CONHECIMENTOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS

I - FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

A Filosofia da Educação é um campo de estudo que se dedica à investigação dos princípios, valores e objetivos que fundamentam a prática educativa. Ela questiona o propósito da educação, os métodos ideais de ensino e as concepções de conhecimento e ética que devem orientar a formação humana. Esse ramo da filosofia é essencial para pensar a educação de forma crítica e fundamentada, pois explora o que significa educar e como o processo educativo contribui para o desenvolvimento individual e social.

O que é Filosofia da Educação?

A Filosofia da Educação é uma área da filosofia que busca responder perguntas fundamentais sobre o sentido e o propósito da educação. Ela se interessa por questões como:

- Por que educamos?
- O que significa ensinar e aprender?
- Qual é o papel da educação no desenvolvimento moral e social do indivíduo?

Essas perguntas formam a base de um campo que, ao longo da história, influenciou o modo como as sociedades entendem e organizam suas instituições educacionais. A filosofia da educação ajuda a definir os valores que orientam as práticas pedagógicas e a esclarecer o que é considerado conhecimento válido, além de influenciar decisões políticas e pedagógicas.

Principais Correntes Filosóficas e suas Contribuições para a Educação

Cada corrente filosófica apresenta uma visão particular sobre os objetivos da educação, o papel do professor e o desenvolvimento do aluno. Entre as principais correntes, destacam-se:

Idealismo

O idealismo, influenciado por filósofos como Platão, vê a educação como um processo de desenvolvimento moral e intelectual. Segundo essa corrente, a educação deve promover o crescimento interior e o alinhamento do indivíduo com valores absolutos, como a verdade, a bondade e a beleza. O professor, nesse contexto, é um guia que ajuda o aluno a acessar um conhecimento superior e a desenvolver uma ética elevada.

Realismo

O realismo, influenciado por Aristóteles, valoriza o ensino de conhecimentos objetivos e concretos sobre o mundo físico e natural. Para o realismo, a educação tem um papel funcional, devendo preparar o indivíduo para a vida prática e para a interação com o ambiente em que vive. A aprendizagem ocorre principalmente pela observação e pela prática, com o professor agindo como um mediador que ajuda os alunos a compreender o mundo real.

Pragmatismo

O pragmatismo, desenvolvido por pensadores como John Dewey, considera a educação um processo de construção ativa do conhecimento, fundamentado na experiência e na prática. Segundo essa corrente, a educação deve ser adaptada às necessidades e interesses dos alunos e incentivá-los a resolver problemas e desenvolver habilidades práticas para a vida em sociedade. Dewey defendia uma educação democrática e participativa, onde o professor atua como facilitador e o aluno participa ativamente do processo de aprendizado.

Existencialismo

O existencialismo, com influências de filósofos como Jean-Paul Sartre, valoriza a liberdade e a autonomia do indivíduo, vendo a educação como um meio de desenvolver a capacidade de escolha e de autoexpressão. Para o existencialismo, a educação deve incentivar a reflexão e a tomada de decisões conscientes, permitindo que o aluno construa sua própria identidade. O professor é um facilitador que incentiva o aluno a descobrir suas próprias respostas e a assumir responsabilidade por suas escolhas.

Pensadores Influentes na Filosofia da Educação

Ao longo da história, vários pensadores influenciaram o desenvolvimento da filosofia da educação. A seguir, destacamos alguns dos principais nomes e suas contribuições:

Platão

Platão via a educação como um meio para o desenvolvimento da alma e do caráter. Em sua obra *A República*, propôs um sistema educacional que valorizasse o desenvolvimento ético e intelectual, com o objetivo de formar cidadãos capazes de governar de maneira justa. Para Platão, o conhecimento verdadeiro era inato e deveria ser despertado através do ensino.

Rousseau

Jean-Jacques Rousseau, em sua obra *Emílio*, ou *Da Educação*, defendeu a ideia de uma educação natural, onde o aluno aprende por meio de experiências diretas e livres, respeitando o seu desenvolvimento. Ele acreditava que o ambiente deve ser controlado para evitar influências corruptoras e permitir que a criança explore o mundo e descubra sua moralidade e conhecimento de maneira espontânea.

John Dewey

Dewey, considerado o principal expoente do pragmatismo, via a educação como um processo social que prepara o indivíduo para a vida em comunidade. Ele defendia uma educação democrática, onde o aluno participa ativamente e aprende a partir da resolução de problemas reais. Sua ideia de “aprender fazendo” revolucionou a prática pedagógica, tornando o aprendizado um processo ativo e colaborativo.

Paulo Freire

Paulo Freire, importante educador brasileiro, propôs uma visão de educação como prática da liberdade. Em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, Freire defende uma educação dialógica, onde professor e aluno constroem o conhecimento juntos. Sua proposta de educação libertadora visa conscientizar os alunos sobre as injustiças sociais, promovendo uma reflexão crítica que os capacite a transformar a realidade.

A Filosofia da Educação na Prática Pedagógica

A filosofia da educação impacta diretamente as práticas pedagógicas e as políticas educacionais. Cada escola ou método de ensino reflete valores e pressupostos filosóficos que determinam desde o currículo até a relação entre professor e aluno. Por exemplo:

- Uma abordagem idealista pode valorizar o desenvolvimento ético, enfatizando disciplinas como ética e filosofia.
- O pragmatismo favorece métodos interativos e voltados para a resolução de problemas, como projetos colaborativos e aulas experimentais.
- A educação libertadora de Paulo Freire influencia práticas de ensino que valorizam a dialogicidade, onde o aluno participa da construção do saber e questiona a realidade em que vive.

Ao compreender as bases filosóficas da educação, educadores e formuladores de políticas podem desenvolver métodos e currículos que atendam melhor às necessidades dos alunos, promovendo uma educação integral e crítica.

A Filosofia da Educação nos leva a refletir sobre as escolhas e os valores que fundamentam a educação, possibilitando uma prática mais consciente e ética. Em um cenário de rápidas transformações sociais e tecnológicas, o resgate das bases filosóficas permite questionar o papel da educação e seus impactos na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Assim, a Filosofia da Educação não apenas fundamenta a prática educativa, mas também ilumina o caminho para a formação de cidadãos críticos e comprometidos com a melhoria da sociedade.

II - HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

— Educação na Antiguidade

A educação na Antiguidade apresenta grande diversidade, pois cada civilização antiga desenvolveu métodos e finalidades educacionais únicos, alinhados a seus valores e estruturas sociais. Nesta fase, o ensino era geralmente reservado para elites e, em grande parte, voltado para a transmissão de conhecimento religioso, cultural e militar.

A educação estava intrinsecamente ligada às crenças e ao papel que cada sociedade destinava ao aprendizado. As principais civilizações que influenciaram o desenvolvimento educacional na Antiguidade foram a Mesopotâmia, o Egito, a Grécia e Roma.

Mesopotâmia e Egito

Na Mesopotâmia e no Egito, a educação formal era restrita a uma pequena elite, especialmente ligada à administração e religião, e focava no aprendizado da escrita, aritmética e princípios religiosos.

– **Mesopotâmia:** Os sumérios, babilônios e assírios desenvolveram sistemas de escrita cuneiforme, e a educação formal na Mesopotâmia era oferecida em escolas chamadas *edubbas*, ou “casas das tábuas”, onde o ensino era centrado na formação de escribas, uma das profissões mais importantes da época. Os escribas desempenhavam papéis cruciais em atividades administrativas, religiosas e comerciais, e o ensino girava em torno de habilidades práticas como contabilidade, leis e registros comerciais.

– **Egito Antigo:** No Egito, a educação também era restrita a escribas, sacerdotes e membros da elite. A formação de escribas envolvia aprendizado dos hieróglifos, a complexa escrita egípcia, além de aritmética e conhecimento sobre mitologia e religião, que eram centrais para a cultura egípcia. O ensino acontecia em escolas ligadas a templos e palácios, e os alunos eram, em grande parte, treinados para assumir posições na administração pública ou na condução dos rituais religiosos.

Essas duas civilizações compartilhavam uma visão funcional da educação, com foco na capacitação para o trabalho administrativo e religioso, limitando o acesso ao aprendizado a uma minoria com poder e prestígio.

Grécia Antiga

A Grécia foi uma das primeiras civilizações a considerar a educação como um meio de desenvolver o potencial humano e promover a cidadania. A educação grega possuía diferentes características em cidades-estado como Atenas e Esparta, refletindo os valores distintos de cada uma.

– **Atenas:** Na cidade-estado de Atenas, a educação visava o desenvolvimento integral do cidadão, abrangendo aspectos intelectuais, físicos e morais. A *paideia*, como era chamada a formação ateniense, buscava preparar os jovens para a vida pública, enfatizando filosofia, artes, literatura, música e esportes. Os ensinamentos de filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles deixaram marcas profundas na educação ocidental, introduzindo métodos de ensino baseados no diálogo e na reflexão crítica. A Academia de Platão e o Liceu de Aristóteles são exemplos de instituições educacionais avançadas que buscavam compreender e discutir a natureza humana, a ética e a política.

– **Esparta:** Em Esparta, a educação era voltada para o treinamento militar e a disciplina, com ênfase na obediência, na resistência física e no espírito de sacrifício. Desde cedo, os meninos eram retirados de suas famílias para se prepararem para a guerra e a defesa da cidade-estado, enquanto as meninas também recebiam treinamento físico, pois se acreditava que mulheres fortes dariam à luz guerreiros fortes. Em Esparta, portanto, a educação era instrumental e orientada para as necessidades militares e coletivas, priorizando a lealdade ao Estado.

Esses dois modelos – o humanista e cidadão em Atenas e o militar e disciplinado em Esparta – ilustram as visões contrastantes de educação na Grécia Antiga, com efeitos duradouros sobre a filosofia educacional e as práticas pedagógicas no Ocidente.

Roma Antiga

A educação romana foi fortemente influenciada pela cultura grega, mas era mais pragmática, voltada para a formação de cidadãos capazes de contribuir para o império. A educação romana focava no ensino do direito, da oratória e da administração.

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Professor - Pedagogia

ANTROPOLOGIA DA EDUCAÇÃO

A Antropologia da Educação é uma subárea da Antropologia Social que investiga a educação como um fenômeno cultural, social e simbólico. Ela se propõe a entender os modos como os indivíduos, grupos e sociedades transmitem saberes, normas, valores e práticas por meio de processos educativos — formais ou informais — em distintos contextos históricos e culturais.

Educação como Fenômeno Cultural

Ao contrário das abordagens mais tradicionais da pedagogia, que muitas vezes restringem o conceito de educação à escola, a Antropologia entende a educação como um processo amplo de socialização cultural. Isso inclui os modos como diferentes povos ensinam e aprendem, desde a infância, nos ambientes familiares, religiosos, comunitários ou ritualísticos.

“Toda cultura educa, pois toda cultura transmite seus valores às novas gerações.”

Por isso, a Antropologia da Educação ultrapassa a análise do ensino formal para observar:

- Os ritos de passagem que marcam diferentes etapas da vida.
- As narrativas orais como meio de transmissão de conhecimento.
- Os papéis sociais atribuídos à infância, juventude, maturidade e velhice em cada cultura.

As práticas cotidianas de aprendizado incorporado (por observação, imitação ou experimentação).

Objeto de Estudo

O objeto da Antropologia da Educação é a educação como prática culturalmente situada, ou seja, como um conjunto de ações, símbolos, discursos e relações que constroem significados e produzem identidades dentro de contextos socioculturais específicos.

Esse campo estuda:

- Os modos diversos de ensinar e aprender;
- As relações de poder, dominação e resistência presentes nos sistemas educacionais;
- A interação entre culturas escolares e culturas locais;
- O papel da educação na reprodução ou transformação das desigualdades sociais;

As práticas educativas em contextos não escolares, como comunidades indígenas, quilombolas, rurais ou urbanas periféricas.

Dimensões Analíticas

A Antropologia da Educação trabalha com diversas dimensões interconectadas:

1. Cognitiva – Como os indivíduos aprendem, memorizam, ensinam e compartilham conhecimentos dentro de seus sistemas simbólicos.

2. Social – Quais são os vínculos de autoridade, legitimidade e pertencimento no processo educativo.

3. Política – Como o conhecimento é usado para manter ou desafiar relações de poder.

4. Cultural – Que significados estão associados aos processos de aprendizagem e ensino em diferentes culturas.

Essas dimensões são observadas por meio de métodos etnográficos, que colocam o pesquisador em contato direto com os contextos e sujeitos pesquisados.

Educação Formal, Informal e Não Formal

A Antropologia da Educação também distingue entre três grandes formas de educação:

Tipo de Educação	Características Principais	Exemplos
Formal	Sistemática, institucionalizada, currículo definido, certificação.	Escola, universidade.
Informal	Cotidiana, não estruturada, espontânea.	Aprendizado em casa, com os pares, nas brincadeiras.
Não Formal	Organizada, porém fora do sistema oficial.	Cursos comunitários, oficinas em ONGs, grupos culturais.

Essa diferenciação permite ampliar o olhar sobre onde, como e com quem ocorre a aprendizagem nas sociedades humanas.

Educação como Prática Socialmente Localizada

Uma das premissas fundamentais desse campo é que não existe um modelo universal de educação. Os métodos, conteúdos, objetivos e valores educativos variam de sociedade para sociedade. Por isso, estudar educação exige sensibilidade etnográfica e a suspensão de julgamentos etnocêntricos.

“O que é considerado ‘educado’ ou ‘civilizado’ em uma cultura pode ser visto como inadequado em outra.”

Assim, a Antropologia da Educação contribui para:

- Valorizar os saberes tradicionais e populares;
- Denunciar práticas escolares que reproduzem preconceitos e desigualdades;
- Promover uma educação mais respeitosa da diversidade cultural.

Exemplo Prático

Uma pesquisa antropológica em uma comunidade indígena pode revelar que:

- O conhecimento é transmitido principalmente pelos mais velhos.

- A aprendizagem ocorre por meio de observação direta e imitação.
- A oralidade e os mitos têm função didática central.
- Não existe separação rígida entre brincar, trabalhar e aprender.

Esses dados desconstróem a ideia de que só há aprendizado em ambientes formais e mostram que a escola, para ser eficaz nesses contextos, precisa dialogar com essas formas de ensinar e aprender.

Origens e Evolução da Antropologia da Educação

A Antropologia da Educação, como campo sistemático de investigação, surge da confluência entre os estudos antropológicos clássicos sobre cultura e os debates pedagógicos sobre os processos de ensino e aprendizagem. Embora práticas de ensino tenham sido observadas por antropólogos desde o início da disciplina, foi apenas no século XX que a educação passou a ser estudada como objeto próprio da Antropologia, com métodos, teorias e problemáticas específicas.

Raízes Históricas na Antropologia Clássica

As bases da Antropologia da Educação foram lançadas pelos antropólogos do final do século XIX e início do XX que estudavam os processos de socialização em culturas não ocidentais. Embora nem sempre tenham usado o termo “educação”, seus trabalhos já apontavam para formas culturais de transmissão de conhecimento.

Autores como:

- Franz Boas (EUA) – pai da antropologia cultural, enfatizava o valor das culturas indígenas e o aprendizado por observação e participação.
- Bronislaw Malinowski (Polônia/Reino Unido) – introduziu o método da observação participante, crucial para a etnografia educacional.
- Margaret Mead – estudou processos educativos em Samoa e comparou juventudes de diferentes culturas.

Esses autores lançaram os fundamentos para uma visão relativista e contextualizada da educação, rompendo com concepções universais e etnocêntricas.

Consolidação do Campo nos Estados Unidos

Nos Estados Unidos, o campo se desenvolveu de forma mais institucionalizada a partir da década de 1950, com a criação de programas interdisciplinares em universidades como Harvard, Stanford e Teachers College (Columbia University). Nesse período, foram fundamentais:

- A influência da Antropologia Cultural Americana.
 - A preocupação com a educação de minorias étnicas (como os nativo-americanos, afro-americanos e latinos).
 - O uso crescente da pesquisa etnográfica em escolas.
- Entre os principais nomes dessa fase destacam-se:
- George Spindler – considerado o “pai” da Antropologia da Educação nos EUA.
 - Solon Kimball – pesquisou a influência da cultura familiar na educação escolar.
 - Dell Hymes – com sua proposta de uma “etnografia da comunicação” aplicável à linguagem educacional.

O foco inicial foi identificar como as escolas poderiam respeitar os valores culturais das comunidades, sem reforçar processos de aculturação ou marginalização.

A Virada Crítica e o Diálogo com as Ciências Sociais

A partir da década de 1970, sob influência das ciências sociais críticas e dos movimentos pelos direitos civis, a Antropologia da Educação passou a questionar o papel da escola na reprodução das desigualdades sociais. Essa virada crítica foi marcada pela incorporação de novas categorias analíticas, como:

- Poder e hegemonia cultural.
- Capital cultural e reprodução simbólica (influência de Pierre Bourdieu).
- Resistência cultural e identidade étnica.

Nessa fase, surgem também os estudos sobre a cultura escolar, isto é, os valores, normas, crenças e práticas que estruturam o cotidiano da escola como instituição.

Destaque: Pierre Bourdieu e a Reprodução Escolar

Bourdieu e Passeron, em *La Reproduction* (1970), argumentam que a escola funciona como um mecanismo de legitimação das desigualdades sociais, ao transformar capital cultural de grupos dominantes em mérito individual.

“A violência simbólica da escola está em mascarar desigualdades herdadas como diferenças de talento.”

Esse pensamento influenciou amplamente os estudos antropológicos sobre exclusão, fracasso escolar e desigualdade racial e de classe.

Expansão Global e Abordagens Interculturais

Nas últimas décadas do século XX e início do século XXI, a Antropologia da Educação passou por um processo de expansão global, com destaque para os seguintes fenômenos:

- Internacionalização dos debates sobre interculturalidade e multiculturalismo;
- Crescente atenção a educação indígena, quilombola e migrante;
- Valorização da etnografia colaborativa e pesquisas participativas.

Essa fase está associada a uma perspectiva mais dialógica e engajada, em que o pesquisador atua como parceiro das comunidades investigadas, visando transformar as realidades educacionais estudadas.

No Brasil: Emergência e Consolidação

No Brasil, a Antropologia da Educação começou a se consolidar academicamente a partir da década de 1980, com forte influência da:

- Educação popular;
- Antropologia urbana e rural;
- Antropologia indígena e afro-brasileira.

Destacam-se autores como:

- Carlos Rodrigues Brandão – defensor da etnografia da escola e da pedagogia do oprimido.
- Maria da Graça Setton – estudos sobre cultura escolar e identidade.
- Manoel Bomfim e Darcy Ribeiro – pensadores da educação como chave para a superação da desigualdade histórica brasileira.

Com a promulgação da Constituição Federal de 1988 e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), abriu-se espaço para políticas educacionais mais